



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
almoço oferecido ao presidente de El Salvador, Mauricio Funes**

Palácio Itamaraty – Brasília-DF, 09 de setembro de 2009

Excelentíssimo companheiro Mauricio Funes, presidente de El Salvador,
Excelentíssima senhora Vanda Pignato,
Minha querida companheira Marisa Letícia,
Meu caro senador José Sarney, presidente do Senado,
Presidente da Câmara dos Deputados,
Senhor Hugo Martínez, ministro das Relações Exteriores de El Salvador,
por meio de quem cumprimento os demais integrantes da delegação
salvadorenha,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,
Companheiros ministros de Estado brasileiros,
Parlamentares aqui [presentes], deputados, senadores,
Membros do corpo diplomático,
Amigos e amigas,

É com enorme satisfação que recebo no Brasil o Presidente de El Salvador.

Antes de ser chefe de Estado, conheci Mauricio Funes, anos atrás, como jornalista, destemido defensor das aspirações de liberdade e justiça do povo salvadorenho. Quem nos visita é, assim, e antes de tudo, um amigo e um grande companheiro.

Com sua eleição à Presidência da nação, a América Central reencontrou-se definitivamente com a democracia. Uma democracia que se construiu com muita dor e muito sacrifício humano.

A visita de hoje é repleta de significados. Conhecemos a amizade e o



afeto que o presidente Mauricio tem pelo Brasil. Eles são a base para uma verdadeira parceria entre dois países que desejam construir juntos seu futuro.

Quero falar também de minha alegria por ter entre nós a companheira Vanda. À frente do Centro Cultural Brasil-El Salvador, trabalhou com entusiasmo e dedicação por essa aproximação entre nossos povos.

Caro companheiro, amigo Mauricio,

Sou testemunha pessoal da vontade de reconciliação que permitiu o reencontro de seu país e de toda a América Central com a estabilidade e o desenvolvimento.

A América Latina aprendeu, a duras penas, que só alcançaremos a paz e o progresso por meio do diálogo, tolerância e muito respeito pelas nossas diferenças. Não podemos abrir mão dessas conquistas.

Por essa razão, o golpe de Estado em Honduras é um retrocesso inaceitável. Devemos repudiá-lo incondicionalmente e exigir o retorno do presidente Manuel Zelaya às funções constitucionais para as quais o povo hondurenho o elegeu. Os golpistas precisam entender que a vontade popular é soberana em nosso continente.

O Brasil tomou todas as medidas de condenação ao golpe: retiramos nosso embaixador, interrompemos todos os projetos de cooperação e suspendemos a isenção de vistos de entrada.

O Brasil, o Mercosul, a Unasul e a OEA estão unidos em torno desse compromisso. Não reconheceremos as eleições conduzidas pelas forças do atraso e do autoritarismo. Essa também é a determinação dos países do Sistema de Integração Centro-Americano, o Sica. As medidas recentemente adotadas pelo presidente Obama contra os golpistas são muito bem-vindas. Sinalizam que os Estados Unidos se juntaram ao consenso político regional e mundial.

Meu caro Mauricio,

Por muito tempo olhamos para o Norte em busca de modelos e



soluções. Demos um passo decisivo para superar essa fragilidade histórica de nossas elites ao realizar a primeira Cúpula da América Latina e do Caribe. Estamos deixando para trás um pesado legado de desconfiança e preconceito mútuo.

Pela primeira vez, definimos um projeto comum, sem condicionalidades externas. A crise econômica comprovou que a inserção autônoma no mundo e a diversificação de parcerias são estratégias que se reforçam. Elas têm, na integração regional, sua mola propulsora.

Por sua localização privilegiada, acreditamos no potencial da América Central como ponte entre continentes. Essa é a razão de o Brasil tornar-se membro observador do Sica. Nossa adesão ao Banco Centro-Americano de Integração Econômica permitirá apoiarmos projetos prioritários para a América Central. Por isso também nos empenhamos pela conclusão de um Acordo de Associação entre o Mercosul e o Sica.

El Salvador desempenha um papel chave nessa estratégia. Fui o primeiro presidente brasileiro a visitar o seu país. Sei que posso contar com seu empenho pessoal para avançar nessa direção. Temos uma parceria exemplar. São programas ambiciosos de cooperação técnica nas áreas de agricultura, patrimônio histórico, saúde, gestão urbana e segurança pública.

Quero convidar El Salvador a participar da revolução da energia do futuro. No âmbito de acordo Brasil-Estados Unidos sobre biocombustíveis, seu país tem todas as condições para tornar-se relevante fornecedor de etanol. Temos pressa em tornar isso realidade. A missão da Embrapa que irá a seu país, já em outubro, levará a tecnologia e a capacitação brasileiras. Levará também projetos capazes de gerar renda, empregos e energia limpa.

Outras oportunidades se abrem no campo da modernização dos transportes e da infraestrutura. Empresas brasileiras estão interessadas em tornar a economia salvadorenha mais competitiva. É a mensagem da missão do BNDES que acaba de voltar de El Salvador.



A delegação empresarial que o acompanhará em visita amanhã à Fiesp conhecerá de perto as muitas possibilidades para ampliar as exportações de El Salvador para o Brasil. Em 2009, essas exportações cresceram mais de 50%. Mas há espaço para que cresçam ainda mais. Equilibrar nosso comércio requer um maior intercâmbio empresarial. Podemos, assim, explorar o potencial do mercado brasileiro para produtos salvadorenos.

Caro companheiro Mauricio,

No Brasil, comemoramos esta semana nossa data pátria. El Salvador vai comemorar a sua proximamente. Sua visita se dá, assim, sob o signo da independência. Uma independência que se constroi com solidariedade, integração e justiça social.

Eu queria, Mauricio, antes de fazer um brinde aqui, dizer aos nossos convidados para este almoço, tanto salvadorenos como brasileiros, aos nossos convidados, o significado da eleição do Mauricio para presidente de El Salvador.

Todo mundo conhece a história de luta, quase uma guerra civil interminável, que aconteceu em El Salvador durante décadas. Todo mundo sabe do domínio político de uma única corrente em El Salvador. E, por isso, ganha relevância a eleição do nosso amigo, presidente Mauricio. Representando a Frente Farabundo Marti, mas também representando outras forças da sociedade salvadorenha, o Mauricio foi, possivelmente, a grande surpresa eleitoral na nossa América Central, nos últimos tempos.

O Mauricio já poderia ter sido candidato a presidente em outros tempos. Não o foi. Cada vez que a gente monta uma estratégia política equivocada, a gente, às vezes, atrasa um processo histórico em um ano, em dois anos, em três anos ou quatro anos.

Possivelmente, Mauricio, tenha sido esse o momento histórico importante para a tua eleição porque a América Latina, a América Central e a América do Sul vivem hoje um momento excepcional de conquistas da



democracia, com as divergências naturais, com visões diferentes sobre vários problemas.

Mas o dado concreto é que você representa uma experiência sem precedentes na história de El Salvador. Eu quero te dizer, Mauricio, que você ganha as eleições quase no mesmo período em que o Obama ganha as eleições, e os dois não têm nenhuma culpa pela crise que vocês herdaram dos que deixaram o governo. Eu não posso culpar ninguém, porque eu já era presidente da República.

Eu sei que nesse momento histórico são os países menores e são os países mais pobres que precisam da mão da solidariedade dos países mais ricos. E o Brasil, embora não seja um país ainda rico, como eu gostaria de ser – mas um dia será, não é, Lobão? Um dia será –, o Brasil tem a obrigação, e eu quero dizer isso aqui na frente do Presidente da Câmara dos Deputados, do Presidente do Senado e dos meus ministros, o Brasil tem a obrigação política, ética e econômica de ser o exemplo da solidariedade na América do Sul e na América Latina. Não só pela proximidade, porque todo mundo pensa que fala um pouco de português e um pouco de espanhol, e aí inventamos o “portunhol”, ou porque todos nós nos tratamos muito bem quando estamos debatendo com os países mais ricos do que nós.

Mas por que o Brasil tem essa obrigação? Porque também as pessoas na América Latina veem o Brasil com a sua dimensão que, muitas vezes, nós brasileiros não enxergamos. Muitas vezes, lá fora, as pessoas veem o Brasil com uma grandeza que muitas vezes, no Brasil, nós não conseguimos ver. O Brasil ainda não se deu conta de que ele é um país doador. Ele não é mais um país receptor. Tem gente, no Brasil, que acha que o Brasil não pode dar uma ajuda porque o Brasil ainda é pobre. E eu fico lembrando de quantos bilhões de dólares a Índia dispõe para ajudar a África. Quantos bilhões de dólares a China dispõe para ajudar a África? Quantos bilhões de dólares a gente percebe que um país como a Espanha, que não é o país mais rico da Europa, coloca para



ajudar o mundo menos desenvolvido? E nós, no Brasil, ainda não temos essa cultura. Nós ainda achamos que os outros é que têm que dar dinheiro para nós. E muitas vezes nos comportamos como se fôssemos um país pequeno. Muitas vezes não nos comportamos como um país da dimensão que nós somos, porque diante da América Latina e da África nós somos um país rico, muito rico, industrializado, muito industrializado, detentor de tecnologias, e muitas tecnologias. Portanto, nós temos que fazer algo mais do que estamos habituados a fazer.

Na conversa que eu tive com o presidente Obama, Mauricio, logo depois da sua posse, quando dizia para o Obama que você era um grande cara, um grande companheiro, um grande amigo, que eu te conhecia bem e que, além de tudo você tinha uma mulher brasileira que foi militante do PT durante muito tempo, trabalhava no PT, eu dizia para o Obama: olhe, o Mauricio é uma figura excepcional. Eu dizia para o Obama: presidente Obama, é importante que um país como os Estados Unidos tenha um outro olhar para a América do Sul, para a América Latina e para a América Central.

A palavra “hegemonia” não pode existir entre nós. A palavra correta é a palavra “parceria”. Nós, os maiores, temos que ajudar os menores a sobreviver, a ultrapassar as dificuldades. É com essa visão, Mauricio, que eu vejo a sua visita ao Brasil.

Eu sei das necessidades de El Salvador, sei das dificuldades em que você encontrou o país e sei do pouco tempo que você tem para consertar as coisas que você precisa consertar em El Salvador.

Eu quero te dizer que da minha parte... estão aqui alguns ministros meus, está aqui o Ministro da Indústria e Comércio Exterior, está aqui o Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, está o nosso Ministro da Agricultura, deve ter mais ministros espalhados por aqui. Eu quero te dizer ... o Ministro de Minas e Energia está ali, “o sheik do Brasil”, porque ontem a Petrobras anunciou mais uma descoberta de 2 bilhões de barris de petróleo,



petróleo fino, 30 API, portanto em condições de fazer um carro andar sem precisar ir para a refinaria.

Mas eu queria te dizer, estou dizendo isso a você (incompreensível) você, para que você saia daqui com o compromisso e com a visão de que nós, enquanto governo, iremos fazer todo o esforço que estiver ao nosso alcance para ajudar que você e o seu governo possam consolidar definitivamente a democracia em El Salvador. E mais ainda, para que você possa, senão atender tudo, atender parte daquilo que foi a aspiração dos milhões de salvadorenhos que votaram em você para presidente da República.

Eu queria, portanto, com essa convicção e com essa paixão das minhas palavras, convidar todos a se levantarem para um brinde ao Mauricio e ao povo de El Salvador.

(\$211A)